

CATEQUESE NAS TESSITURAS DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ¹

Adelmo dos Santos Junior²

INTRODUÇÃO

O processo de Iniciação à Vida Cristã proposto pela Igreja no Brasil apresenta um itinerário para a introdução no mistério de Cristo e da Igreja. A inspiração catecumenal desse caminho, pretende conduzir cada pessoa, na comunidade, à mesma experiência de salvação vivenciada pelos apóstolos e por Maria na comunhão com o mistério pascal de Jesus Cristo, conforme relatado em Atos dos Apóstolos.

Para esse propósito, a vivência dos processos de transmissão da fé nos primeiros séculos da Igreja é iluminadora. Ela se traduz no mergulho pessoal de cada candidato no mistério de configuração a Jesus Cristo, por meio da Igreja. A partir dessa compreensão, a catequese se renova para atender à eclesiologia do Concílio Vaticano II, de uma Igreja que se aperfeiçoa em suas ações em vista da vida em comunhão.

Conforme o estudo 97 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a iniciação à vida em Cristo deve conduzir à conversão pessoal e a uma real participação no compromisso de transformação comunitária e social, onde o amor seja assumido num itinerário de (re)encontro e no retorno à casa do Pai.

Para tal, busca-se inspiração na dinâmica do encontro, da celebração, de uma evangelização querigmática viva, cheia da força do Espírito Santo. Dessa forma, supera-se o entendimento de

¹ Esse artigo foi orientado pelo Pe. Ms. Antonio Marcos Depizzoli, assessor nacional da animação bíblico-catequética.

² Catequista, assessor de formação da catequese na Arquidiocese de Aracaju-SE, bacharelado em Direito e Letras/Português.

Email: <adelmo96@hotmail.com>.

catequese que prepara apenas para a recepção dos sacramentos, sem a eficácia do mistério pascal na vida daqueles que dela participam. Mergulhados em Cristo, os agentes da Iniciação à Vida Cristã são sujeitos especiais na missão evangelizadora da Igreja.

Esse artigo reflete sobre o processo iniciático cristão, destacando o ministério do introdutor e da catequese na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. Para tanto, ele organiza-se em três eixos: inicialmente apresenta aspectos da realidade da catequese no contexto de mudanças na sociedade, na Igreja e na própria catequese. Em seguida, destaca-se o primeiro tempo do processo, segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA, o Pré-catecumenato ou anúncio do Querigma. Por fim, traz uma reflexão sobre o agente introdutor na comunidade cristã, seguida das considerações finais.

1 CATEQUESE E A PROMOÇÃO DA CULTURA DO ENCONTRO

Vivemos um momento histórico-social em que o chamado “fenômeno da globalização” afeta nossas vidas. São mudanças que se fazem notar na cultura, na economia, na política, e também na religião (DAp, 2007, p. 27 et seq.).

Uma das características desse fenômeno está na “aparição” da tecnologia, sobretudo, as redes sociais, que influenciam os seres humanos. Redimensionam o sentido da convivência fraterna, desafiando a construção da “cultura do encontro”, tão incentivada pelo Papa Francisco, nos nossos dias. Ele analisa que “[...] as pessoas cruzam-se, mas não se encontram. [...] Olha, mas não vê; ouve, mas não escuta”³. É a ideia de que a “ausência” física pode ser suprida pela “presença” virtual, resultando numa experiência que pode ser descrita na imagem do “estar de corpo presente”.

³Fala do Papa Francisco para a Rádio Vaticano:

<http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/_Papa_trabalhar_pela_cultura_do_encontro/1257744>

A celeridade com que as pessoas passam a ver e saber das informações enfraquece a capacidade de veracidade na comunicação. A verdade passou a ser informada, de modo que hoje não se pode “confiar na primeira palavra”, tendo em vista a transmissão distorcida na fala de outrem, pois, a ansiedade da busca desemboca em um imediatismo exacerbado. É a “retro-alimentação da informação” (Dap. 2007, p. 29). Isso provoca o desenvolvimento de uma crença vazia, uma vez que a sociedade, que coordena suas atividades só mediante múltiplas informações, passa a acreditar que pode agir como se Deus não existisse (Ibidem, 2007, p. 41).

Dessa forma, por conta da realidade atual, faz-se necessário uma reavaliação da maneira como a comunidade cristã pode lidar com os desafios colocados pela mudança de época.

1.1 TRANSMISSÃO DA FÉ NA MUDANÇA DE ÉPOCA

Segundo o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe (2007, p. 32), vivemos uma mudança de época que afeta profundamente a cultura. O bem comum foi substituído pelo individualismo excessivo; a coletividade, com o seu direito de todos, passou a ser vista e fragmentada pelo e para os desejos subjetivos e individuais; abriram-se exceções para conceber privilégios e direitos a poucos, enquanto outros ficaram esquecidos.

Esse processo cultural promove a indiferença nas relações humanas. O amanhã não mais é planejado, preferindo-se viver o dia-a-dia na efêmera relação afetiva e de consumo. Amedrontados, ficamos ainda mais expostos à crescente “espiritualidade individualista” (Dap. 2007, p.55). Isso vai instalando na Igreja, bem como na catequese, uma conveniente predileção pelo “mais d’eu” e “menos Deus”.

Há confusão de papéis sociais e humanos causados pela relativização da pessoa. O fenômeno dos que dizem ter uma

religião, mas não a praticam, os “não-praticantes”, cresceu sem precedentes. A falta de compromisso na vivência da fé provoca mudanças no relacionamento com Deus. Consequência disso são o pluralismo e o indiferentismo religioso dos tempos atuais.

É bem verdade que as crises de fé oferecem um norte para a atuação missionária da Igreja. Num contexto de crise, o salmista busca seu significado na purificação do povo em meio à provação.

Sim ó Deus, tu nos provastes, nos refinastes como se refina a prata; fizeste-nos cair na rede, puseste um peso em nossos rins: deixaste um mortal cavalgar nossas cabeças; passamos pelo fogo e pela água, mas fizeste-nos sair para a abundância (Sl 66,10-12).

Com o verbo “refinar”, o salmista nos permite compreender as etapas em que ocorre a depuração da prata. Dentro dessa feitura, o ápice da sua constituição está no “acrisolamento” – tirar as impurezas da prata. A crise de fé, portanto, pode ser oportunidade de purificação do cristão por meio de um processo gradual e permanente de maturação.

As frequentes dúvidas sobre o caminho a ser seguido pelos indivíduos, nesse mundo globalizado, suscitam a necessidade de encontrar respostas que deem sentido à existência. Os discípulos missionários são convidados a ser acompanhantes dos primeiros passos de quem se aproxima para o encontro com a fonte que faz jorrar água viva (Jo 4,14c).

Dessa maneira, como seguidores de Jesus Cristo, precisamos entender os “sinais dos tempos” (DAp 2007, p. 27). O perfil de discípulos missionários que somos chamados a assumir é o mesmo suscitado pelo Espírito Santo e registrado por São Lucas nos relatos iniciais dos Atos dos Apóstolos: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até nos confins da terra” (At 1,8). A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal é o caminho proposto pela Igreja para nosso tempo.

2 URGÊNCIA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA CONTEMPORANEIDADE

Em meio aos diversos desafios enfrentados pela evangelização, urge a implementação da catequese com “inspiração catecumenal”⁴ na Igreja do século presente. Na compreensão de Renato Quezini:

Restaurar o catecumenato não é simplesmente retomar algo do passado, mas resgatar a pedagogia da fé como nos primeiros séculos da Igreja, em que não se administravam os sacramentos como ritos mágicos, mas abriam-se, lentamente, por meio de graus sucessivos, à fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos (QUEZINI, 2013, p.11).

Dar passos nessa direção implica em inspirar-se nas premissas colocadas no princípio, à procura pela liberdade anunciada na salvação que parte de Cristo e para Cristo, sendo Ele o centro de toda ação catequizadora da Igreja.

O estilo da catequese anterior ao proposto pelo resgate da inspiração catecumenal na Iniciação à Vida Cristã, requer uma reestruturação ativa a partir do empenho e articulação de toda comunidade.

As orientações atuais propõem uma catequese iniciática com “eixos norteadores”, dentre os quais está a centralidade de Cristo (cristocentrismo), revelado na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição da Igreja (Cf. *Ibidem*, 2006), constituindo assim, um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja (Cf. *Dei Verbum*, 1966)⁵; catequese orante e celebrativa; interação entre fé e vida que aproximam a “educação da fé, ligada mais à vida da comunidade, aos problemas sociais e à cultura popular” (DNC,

⁴ “[...] Processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis [...]. [...] Refletindo com os catecúmenos (leia-se não batizados) sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão [...]” (RICA 1973, p. 32).

⁵Constituição *Dei Verbum*. In: Documentos do Concílio Vaticano II - constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

2006). “[...] aquilo que se anuncia é o que se celebra e se vive” (SILVA JUNIOR, 2015, p. 195).

Paralelo a isso, destaca-se a importância da leitura orante da Sagrada Escritura; a comunhão na reflexão e na missão entre catequese-liturgia; o acolhimento do RICA, nos processos de iniciação, pelos sacerdotes, e comissões de Iniciação à Vida Cristã⁶.

Com isso, a Iniciação à Vida Cristã encara grandes desafios, a começar pelo perfil dos agentes, em quem, muitas vezes, falta uma linguagem catequética adequada para aproximar-se das diversas realidades existentes, com o intuito de construir unidade em meio à diversidade.

A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã tem importante missão na inserção das pessoas na vida da comunidade. A inspiração catecumenal aponta, ainda, para o enfrentamento do panorama histórico-social por meio do anúncio querigmático. Por conseguinte, o agente específico desse anúncio também ocupa, junto ao catequista, um lugar especial no itinerário para formar discípulos missionários que buscam viver em Cristo.

2.1 O TEMPO DO PRIMEIRO ANÚNCIO NA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Conforme publicado no blog do catequista João Melo⁷, que trata de assuntos referentes à catequese de Iniciação à Vida Cristã, a etimologia da palavra “iniciação”, do latim, produz o sentido de “ir para dentro” (*in-ire*); ingressar em algo, em um mistério que encaminha para uma conversão de mentalidade (Rm 12,2c) e, conseqüentemente, leva a um estado de mudança de vida efetivo.

Desta forma, a Iniciação à Vida Cristã contempla a inserção num caminho de fé e conversão das pessoas que procuram

⁶Constituída por membros da comunidade, leigos, presbíteros, diáconos, consagrados, para reflexão e implantação da catequese de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal.

⁷Filósofo, com especialização em catequese, atua na formação pastoral ligada a Iniciação à Vida Cristã.

estabelecer um relacionamento com o Deus vivo⁸ nas diversas situações da mudança de época. Nessa dinâmica, deparamo-nos com diferentes realidades de simpatizantes do processo: os que não foram evangelizados e não receberam os sacramentos, conhecidos como não batizados, ou não iniciados (catecúmenos); e, os que não foram evangelizados, contudo, receberam o batismo, todavia, ainda lhes faltam o Crisma e/ou a Eucaristia (catequizandos).

Por esse motivo, a Igreja Católica propõe um caminho específico, cumprindo dessa maneira um ritual próprio da catequese inspirada no catecumenato antigo, compondo uma união harmônica entre a catequese e as celebrações litúrgicas. Essa proposta se encontra no RICA que ratifica uma inspiração baseada nas experiências cristãs, particularmente dos séculos III a V, o catecumenato. Há possibilidades de adequações desse processo às diversas realidades locais.

Todo processo requer uma dinâmica⁹ sistematizada em um termo coerente e de profundo significado: “Itinerário Catequético”. Consiste esse em um caminho progressivo e gradual de amadurecimento da fé, que possui uma estrutura de quatro tempos¹⁰: o Pré-Catecumenato¹¹, o Catecumenato¹², a Purificação e Iluminação¹³, e a Mistagogia¹⁴, somado a três etapas ou “grandes celebrações”¹⁵, destinadas a intercalar e efetivar a passagem de um

⁸Cf. RICA. Observações preliminares, n.1.

⁹Do grego *dinamikós*, referente a força.

¹⁰Períodos em que se aprofunda uma experiência por meio da evangelização e formação na e com a vida.

¹¹“[...] tempo dedicado à primeira evangelização” (Cf. CARVALHO. 2015, p. 59).

¹² “O catecumenato é o tempo do aprofundamento da fé, do processo de conversão, da participação ativa na comunidade, [...] período mais longo de todo o processo de iniciação” (Cf. CARVALHO, 2015, p. 60).

¹³ “O tempo de purificação e iluminação é um período breve, porém de intensa e profunda preparação espiritual” (CARVALHO, 2015, p. 61).

¹⁴ “É, sem dúvida, o prolongamento da experiência espiritual vivida pelos iniciados” (CARVALHO. 2015,p. 62).

¹⁵São celebrações que unem a liturgia com a catequese, marcando por meio da celebração e ritos que firmem a experiência que o tempo que passou concedeu,

tempo para o outro: a Celebração de Entrada; a Celebração da Eleição; e, a Celebração dos Sacramentos. Desse vasto horizonte do despertar da fé, passamos a considerar e refletir sobre aspectos do primeiro tempo, Pré-Catecumenato ou Querigma.

2.2 O ANÚNCIO DO QUERIGMA

Esse tempo é caracterizado pelo primeiro anúncio da pessoa de Jesus, o Cristo. Diante de um encontro atraente e envolvente, “aqueles que, embora ainda não creiam plenamente, demonstram uma inclinação pela fé” (RICA, p. 36), procuram uma mudança de vida no encontro com Deus amor, que revelado no Filho, desperta uma fé inicial capaz de simpatizá-los por Jesus (QUEZINI, 2013, p. 36-37).

De acordo com Ormonde (apud QUEZINI, 2013), o RICA nos apresenta três objetivos do tempo do Pré-Catecumenato: “adesão a Jesus Cristo, conversão de vida e sensibilidade eclesial”. O primeiro quer tratar de um encontro com aquele que é caminho, verdade e vida (Jo 14,6a); o segundo, desperta na pessoa um desejo suscitado pelo encontro, o de ser chamada do pecado para o mistério do amor (RICA, p. 35); enquanto o terceiro, causa no simpatizante uma identificação com a Igreja, uma vez que essa, pelas palavras do Papa Paulo VI, leva “[...] a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude [...]” (apud QUEZINI, 2013, p. 39).

É conveniente salientar que a mensagem querigmática propicia uma paixão impetuosa e sedenta pela pessoa de Jesus, estando presente no início, no meio e no fim de “[...] uma pregação contínua e incansável da Palavra de Deus” (CNBB, 2009, p. 9). Desse anúncio, presume-se uma inteireza de conteúdo que brote de uma vida consagrada e tocada pela experiência de fé, testemunhada na comunidade cristã, primeira responsável pela evangelização querigmática.

bem como que prepare para um novo tempo que se aproxima.

Por esse motivo, adota-se a instrução apresentada pelo Documento de Aparecida (2007), a de uma Igreja que se constitua “escola do discipulado missionário”, explicitada em um dos subsídios doutrinários, publicado pela CNBB: “Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio do seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar outros para o mesmo seguimento” (CNBB, 2009, p. 10).

A fim de constituir-se “escola do discipulado”, encontramos na Igreja, critérios de evangelização para o anúncio do Querigma, dentre os quais a relevante adesão a uma linguagem que não escandalize o próprio Evangelho, mas que o leve a surpreender seus interlocutores, ultrapassando as intransigências dos limites gerados pela intolerância e impaciência com os mesmos.

Dessa maneira, surge um protótipo específico para que a mensagem da Boa-Nova seja disseminada, sendo esse o do “anúncio contextualizado” (Ibidem, 2009, p. 14) que se insere na sociedade globalizada, onde enfrenta com perseverança a disputa contra um ceticismo cristão hodierno, recordando a fé daqueles primeiros cristãos, persistentes em não abortar seu discipulado defronte a uma perseguição sangrenta¹⁶.

Visto isso, acreditamos que a verdadeira acolhida do anúncio do Evangelho ocasiona uma transformação radical na vida. Olhemos para os textos sagrados: Zaqueu restituindo tudo que roubou (Lc 19,8); Maria Madalena, do pecado aos pés da Cruz (Jo 19,25f) perseverando até a ressurreição (Ibidem 2011), entre outros que foram marcados por esse encontro apaixonado, repercutido na imprevisibilidade das suas vidas. Assim, uma vez reavivados pela experiência anunciada nos textos sagrados, reafirmamos a relevância e a necessidade de formar agentes que se assumam como “sal da terra” (Mt 5,13a) e “luz do mundo” (Ibidem 5,14a) nesse tempo do Querigma no processo de Iniciação Cristã.

¹⁶ Mártires dos séculos I ao IV perseguidos pelo Império Romano por não abdicar do seguimento a Cristo.

3 O INTRODUTOR NA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

No encontro com os primeiros discípulos, na Galileia (Mc 1,16a), Jesus ilumina a maneira de se comportar própria de quem deseja anunciar o Querigma. Estar junto ao mar nos faz refletir que Jesus não foge de um “anúncio contextualizado”, pois a transformação que seria realizada na vida daqueles apóstolos jamais se distanciaria da condição humana deles como pescadores: “Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens” (Mc 1,17).

É bem verdade que tudo se inicia na Galileia, mas também convém terminar ali, o que faz Jesus lembrar as origens de onde cada um provém. Dados por fracassados com a morte do seu Mestre, Simão volta ao que era antes, pescador de peixes (Jo 21,3a). Desconhecido de si mesmo, se esquece de que sua pesca missionária não é a de fisgar peixes, mas de converter homens – ovelhas que precisam ser apascentadas pelo pastor (Jo 21,15-17).

Consequência disso é o retrocesso a uma vida descontextualizada da missão, gerando nele as indecisões do próprio discipulado. É diante disso que se requer um novo anúncio que desperte o encorajamento missionário, semelhante ao dos discípulos de Emaús, com ardor eucarístico (Lc 24,13-35). Logo, urgente é o chamado à atuação dos agentes da catequese, conduzindo sempre ao mistério do amadurecimento da Fé.

Diferente de uma figura central assumida pela pessoa do catequista, possível de ser visualizada no modelo de catequese que enfatiza mais a doutrina, é mister o envolvimento de novos papéis a se somarem aos já existentes (catequistas, padrinhos, pais, sacerdotes, entre outros), na condução do catecúmeno ou do catequizando aos mistérios de Jesus morto e ressuscitado. Com isso, dentre os serviços já existentes, surge na Iniciação à Vida Cristã um novo agente, “o introdutor”.

Com o intuito de suscitar no simpatizante o despertar da fé, em um tempo propício do Pré-Catecumenato do Itinerário da

Iniciação à Vida Cristã, o vocacionado¹⁷ a introdutor assume uma função específica durante os primeiros passos a serem dados pelos iniciandos. Endireitando o caminho do Senhor, como aponta São João Batista, esse agente deve ser uma “voz que clama no deserto” (Jo 1,23) da sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva do primeiro anúncio que “consiste na proclamação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como único salvador”, conforme nos apresenta o documento da CNBB (2009), a preparação formativa da comunidade, sobretudo desse agente, deve passar pela dimensão de redenção e ressurreição de Jesus, posto que, sem a graça salvífica dada na cruz não seríamos regenerados do pecado, a fim de sermos inseridos na vida nova.

O primeiro capítulo do Evangelho segundo São João, orienta a ação de um introdutor. Apresentando Jesus como o “Cordeiro de Deus”, João Batista direciona um novo caminho que seus discípulos passariam a assumir (Jo 1,36-37). A mensagem deve sair da vida para a vida como “componentes fundamentais do anúncio querigmático” (CNBB, 2009, p. 13).

Estabelecido um Itinerário a ser percorrido pelos que serão iniciados, a formação social, cristã e espiritual dos agentes é indispensável. Pois, no que concerne ao tempo anterior ao da Catequese, o Querigma, a Comissão de Iniciação à Vida Cristã formará o introdutor(es), partindo de uma vivência da dinâmica de fé e de vida.

3.1 O INTRODUTOR E SEU CAMPO DE MISSÃO

Segundo o número 42 do RICA, o agente introdutor pode ser homem ou mulher que seja iniciado nos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), tenha participação ativa na celebração da comunhão e da partilha da Palavra na comunidade, seja fiel à Igreja e zele pela sua formação humana e cristã continuada, além de possuir uma postura ética

¹⁷ Do latim *vocare*, vocação quer dizer um “chamado”.

adequada na sociedade, prezando por uma linguagem acessível aos que ingressam no itinerário de Iniciação à Vida Cristã.

O introdutor pode ser escolhido para o exercício da função de padrinho ou madrinha. Contudo, pressupondo a realidade pastoral presente no século vigente, onde os padrinhos são escolhidos pelos candidatos durante o percurso do Itinerário, torna-se válido que o introdutor seja “substituído por outro” (RICA, 1973, p. 52), podendo ser qualquer pessoa da comunidade.

Tendo em vista que alguns subsídios catequéticos, (CNBB, 2009a), indicam um tempo estimado de 1 (um) a 2 (dois) meses para vivência do Pré-Catecumenato, é recomendado que exista uma profunda observação da necessidade dos simpatizantes para a escolha dessa duração, não reduzindo o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã ao tempo cronológico do calendário civil, visto a riqueza do amadurecimento experiencial da fé. Assim, antes mesmo de se estabelecer as datas iniciais e finais, muito embora se compreenda que essas sejam importantes para direcionar o compromisso e o progresso, cumpre designar os temas e a maneira como serão abordados pelos agentes desse tempo.

Na perspectiva de levar a Palavra além das estruturas internas da Igreja, os encontros do tempo do Querigma possuem uma metodologia própria. Dela, o agente desse tempo deve ter domínio. Com encontros realizados nas casas dos simpatizantes, a transmissão da Boa-Nova objetiva alcançar também seus familiares, cujo intento esteja em remodelar a catequese familiar, pelo exemplo da Sagrada Família (Jesus, Maria e José). Cada encontro deve expressar uma profunda alegria com o diálogo, a acolhida e, sobretudo, a partilha da Palavra Divina por meio da Leitura Orante (Lectio Divina), que nos insere em um contato com o Deus vivo.

Dessa maneira, com acolhida, oração, leitura e partilha da Sagrada Escritura nas casas dos simpatizantes – o que não impossibilita ocorrer em outro ambiente adequado –, o introdutor, nesse Primeiro Tempo, deve orientar a duração de cada encontro

entre 1 (uma) e 2 (duas) horas, de acordo com cada realidade comunitária. O introdutor é colaborador-ativo da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal.

3.2 O INTRODUTOR E A COMUNIDADE ECLESIAL

Segundo o RICA, na Primeira Etapa (Celebração de Entrada) do Itinerário para o não batizado, o item de n. 71 expressa uma das funções dos agentes introdutores. A de apresentar à Igreja todos os simpatizantes acompanhados por eles no Pré-Catecumenato, de modo que os levem a um novo tempo de preparação, o Catecumenato (RICA, 1973, p. 68), onde passarão a viver outra estrutura de encontro, não dissociada da anterior.

Posto isso, fica claro o lugar desse agente na iniciação. Com efeito, nenhum dos responsáveis pelo processo da Iniciação à Vida Cristã deve se entender protagonista. A comunidade é o espaço especial da plantação e meta da colheita.

Nesse sentido, compreende-se correlato ao da comunidade o perfil do agente introdutor, cuja responsabilidade está na criação de um ambiente favorável e correspondente às expectativas de cada iniciando, “a vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp, 2007, n. 156), e a comunidade tem a função prioritária de atrair pelo anúncio do amor, cada apaixonado pela Boa-Nova.

A comunidade, de alguma forma, está representada na missão do introdutor, enquanto acompanhante do “iniciando-simpatizante”, ao recebê-lo na Celebração de Entrada, para o Segundo Tempo (Catecumenato). Assim, percebe-se que a Comunidade é o lugar, a fonte e a meta de toda ação iniciática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão realizada no decorrer desse estudo nos convidou a pensar sobre o perfil de um dos agentes específicos da Iniciação à Vida Cristã, o introdutor. A Igreja, ao resgatar a

inspiração catecumenal das comunidades cristãs dos primeiros séculos, impulsiona-nos, hoje, a compreender e viver de maneira sempre mais fecunda o discipulado missionário: A Igreja de portas abertas numa atitude constante de saída.

Nessa perspectiva, reafirma-se o entendimento de que o introdutor age efetivamente no tempo do Querigma, junto aos outros agentes da catequese, anunciando o amor da Trindade Santa.

Portanto, a Igreja torna a apresentar uma catequese fundamentada nas primeiras experiências apostólicas, cuja manifestação Divina promove a formação humana à estatura da maturidade de Cristo, como afirma São Paulo em seus escritos. Essa maturidade, na comunidade, é essencial para a introdução do candidato no itinerário de fé. Vivida assim, a catequese estará a serviço da Iniciação à Vida Cristã. A celebração dos sacramentos da iniciação será ponto culminante do processo. A partir de então os neófitos percorrerão o caminho de formação permanente.

O ministério de introdutor nasce da natureza missionária da Igreja. Na comunidade, onde são gerados e acompanhados os novos cristãos, encontra-se o sentido do serviço dos introdutores. São membros de movimentos, pastorais e serviços para a vida da Igreja. A pessoa do introdutor sinaliza para a missão iniciadora da comunidade ao mistério de Cristo e da Igreja. Acolher e acompanhar os futuros membros do corpo de Cristo é expressão da alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. 10. Ed. São Paulo: Paulus, 1985.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Ministério do Catequista: elementos básicos para a formação**. São Paulo: Paulus, 2015.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Documento 84. 10. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CNBB. **Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental**. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Subsídios Doutrinários 4).

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo com inspiração catecumenal**. Brasília: Ed. CNBB, 2009a.

Constituição Dei Verbum. In: **Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1966.

SILVA JUNIOR, João de M. Uma Proposta do Tempo de Pré-Catecumenato para a Catequese de Inspiração Catecumenal. **Reveleiteo**, Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p. 188-196. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/viewFile/26089/18728>>. Acesso em 06.01.2017.

SILVA JUNIOR, João de M. **Quem é o introdutor? Um perfil do novo ministério para a catequese de inspiração catecumenal**. 24 set. 2016. Disponível em: <<https://joaomelo10.blogspot.com.br/2016/09/quem-e-o-introdutor-o-perfil-do-novo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

QUEZINI, R. **A pedagogia da iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/_Papa_trabalhar_pela_cultura_do_encontro/1257744